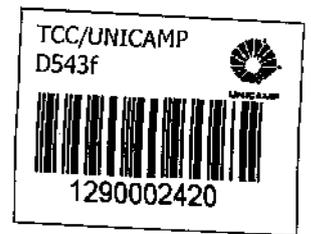


Samir Ferreira Dias

**Formações Táticas no Voleibol:
*o caso da equipe universitária masculina da
Unicamp.***

**Universidade Estadual de Campinas
- 1995 -**



Faculdade de Educação Física

Formações Táticas no Voleibol : *o caso da equipe universitária masculina da Unicamp.*

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física, na modalidade de “Treinamento em Esportes”, sob a orientação do Prof. Antônio de Pádua Bafero.

**Universidade Estadual de Campinas
-1995-**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador pela paciência e o respeito, que sempre me atendeu e me conduziu, pois sem esses dois atributos, principalmente o primeiro, não seria possível a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marley e Tônico que, mesmo à distância, sempre confiaram , incentivaram, compreenderam e me ajudaram bastante.

Ao companheiro Adriano José de Souza, que com sua organização, profissionalismo e dedicação, contribuiu muito para a concretização deste trabalho.

Àquela que foi minha secretária, digitadora, auxiliar, amiga e amante. Um obrigado todo especial a Alessandra Carla Fort, que sempre esteve ao meu lado dando incentivo e me chamando a atenção na hora certa.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os garotos, rapazes, alunos e homens, que fazem parte da equipe de voleibol da Unicamp. Agradeço a todos pelos ensinamentos, pelas adversidades, dificuldades e alegrias que passamos, para aprender um pouco do significado de cooperação dentro de uma equipe.

Sumário

Resumo.....	08
1. Introdução	09
1.1. Considerações sobre a tática.....	10
1.2. Fatores influenciadores da tática.....	13
2. Tática no voleibol : fatores de influência.....	15
2.1. Fatores objetivos.....	15
2.1.1. Regra.....	15
2.1.2. Sistema de jogo.....	16
2.1.3. Sexo.....	17
2.1.4. Idade.....	18
2.1.5. Capacidade, aptidão física e biotipo....	18
2.2. Fatores subjetivos.....	19
2.2.1. Adversário.....	19
2.2.2. Nível técnico dos jogadores.....	20
2.2.3. Condições do jogo.....	21
2.2.4. Tempo de participação.....	21
2.2.5. Características psicológicas.....	22
3. Objetivo	24
4. Justificativa.....	24
5. Sujeitos.....	24
6. Material	25
7. Metodologia	25

8. A equipe de voleibol masculino da Unicamp (fase I).....	26
8.1. Recepção.....	29
8.2. Defesa.....	32
8.3. Ataque.....	33
8.4. Contra-ataque.....	37
8.5. Saque.....	38
8.6. Bloqueio.....	40
9. A equipe de voleibol masculino da Unicamp (fase II)....	42
9.1. Recepção.....	43
9.2. Defesa.....	44
9.3. Ataque.....	45
9.4. Contra-ataque.....	47
9.5. Saque.....	49
9.6. Bloqueio.....	49
10. Análise e conclusão.....	51
10.1. Comentários sobre as tabelas.....	51
10.2. Considerações finais.....	54
11. Referências Bibliográficas.....	56

RESUMO

Este estudo traz algumas considerações sobre os esquemas de jogo e propõem uma divisão dos fatores que influenciam esses esquemas, para um melhor entendimento e esclarecimento no processo de formação tático de qualquer equipe. O presente trabalho demonstra como uma equipe de voleibol, no caso a equipe universitária masculina da Unicamp, pode jogar, levando-se em conta alguns fatores que determinam a escolha tática de uma equipe qualquer: regra, sistema de jogo, sexo, idade, capacidade, aptidão física e biotipo, adversário, nível técnico do jogadores, condições do jogo, tempo de participação e características psicológicas. Esta monografia mostra como uma equipe de voleibol pode atuar de acordo com as características individuais de seus componentes, isto é, com o melhor aproveitamento individual em benefício do coletivo e como cada equipe pode jogar, sem imitar sistemas de jogo pré-determinados ou modelos que, possam ter dado certo em um determinado momento com uma determinada equipe.

1. INTRODUÇÃO

Utilizar a estratégia mais adequada para superar o adversário é uma tarefa complexa. Dizer que uma equipe joga no 4-4-2 no futebol, no 2-1-2 no basquete ou no 5X1 no voleibol, é tudo o que se precisa para saber das características dela? É uma proposta que pode determinar quais os esquemas defensivos e ofensivos que serão utilizados. Necessita-se muito mais do que o sistema de jogo para dizer sobre a tática de qualquer equipe, pois equipes diferentes com o mesmo sistema de jogo não se utilizam da mesma tática para atuar com eficácia. A diferenciação está caracterizada pelos valores individuais. A literatura atual dá muito enfoque e evidência para o sistema de jogo, como se isso fosse fator determinante na estratégia de uma equipe.

O presente trabalho pretende demonstrar como uma equipe de voleibol pode atuar de acordo com as características individuais disponíveis. Este estudo traz reflexões sobre a tática no seu sentido geral, inclusive táticas de guerra, para num segundo momento analisar do ponto de vista do voleibol, objeto desta monografia.

Então, partindo do geral para chegar ao específico, e dentro desta especificidade, isto é, o esporte escolhido ser o voleibol, faz-se um outro corte para estudar a tática no voleibol, utilizando para isso uma equipe como exemplo; um estudo de caso da equipe universitária masculina de voleibol da Unicamp; a idéia nasceu com o intuito de demonstrar e esclarecer como a tática no voleibol é mutável às condições do momento, em razão do nível técnico e diversos fatores que nela influenciam.

1.1. Considerações sobre a tática.

“A tática é um processo empregado para sair-se bem num empreendimento ou parte da arte da guerra que trata da disposição e da manobra das forças armadas durante o combate ou na iminência dele.”
FERREIRA (1989, p. 62)

Levando-se em consideração o conceito de tática descrito no dicionário e traçar um paralelo com o esporte, faz muito sentido essas afirmações, pois a tática no meio esportivo é um processo empregado para sair-se bem numa partida e ela é parte da arte do jogo que trata da disposição e dos deslocamentos dos jogadores durante a partida ou na iminência dela. Na obra de JAMES CLAVELL, *A Arte da Guerra*, encontram-se alguns comentários sobre a tática do mesmo ponto de vista que foi encontrado no dicionário, isto é, as análises feitas sobre a tática foram elaboradas por um general, portanto sob a ótica de um militar e voltadas para o intuito de guerrear. TZU em CLAVELL (1983) diz:

“... a oportunidade de derrotar o inimigo é fornecida pelo próprio inimigo”. (p.29)

“ A garantia contra a derrota implica táticas defensivas; a capacidade de derrotar o inimigo significa tomar a ofensiva. Manter-se na defensiva indica

*força insuficiente; atacar, uma
superabundância de força” (p. 29)*

Trocando a palavra inimigo por adversário, pode-se tecer alguns comentários sobre as reflexões de CLAVELL, pois é verdade que o adversário, no esporte, sempre nos mostra e nos dá indícios de suas fraquezas, pontos fracos e limitações, assim como, também é possível observar seus pontos fortes, suas potencialidades e virtudes. Ciente disso, é plausível que se escolha uma tática conveniente para derrotar o adversário, isto é, explorar da maneira mais adequada as falhas adversárias atacando-as assim que possível e se defender da melhor forma contra suas potencialidades, tentando anulá-las ao máximo (CORDEIRO FILHO, 1994). Então, aquele que optar pela melhor maneira de se utilizar das variações táticas, tanto ofensivas, quanto defensivas, terá uma maior possibilidade de triunfar numa partida.

*“O general (técnico) que compreende
inteiramente as vantagens que
acompanham as variações táticas, sabe
como comandar seus soldados
(jogadores).” CLAVELL (1983, p.52).*

Além de conhecer o adversário, seus pontos fracos e fortes, é imprescindível que se conheça muito bem a própria equipe, pois assim fica mais fácil saber quando mexer as peças para que a exploração dos pontos fracos seja feita, com o mínimo de falhas e a tática defensiva anule o máximo que puder os pontos fortes do adversário. Neste sentido CLAVELL (1983) também preconiza:

“Se conhecemos o inimigo (adversário) e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de uma centena de combates (jogos). Se nos conhecemos, mas não ao inimigo (adversário), para cada vitória sofreremos uma derrota. se não nos conhecemos nem ao inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas (jogos)” (p. 28)

Vale salientar, que esses cem combates ou jogos devem respeitar a um preceito bem simples; o nível em que se encontra os oponentes deve ser parecido, pois cem jogos da seleção brasileira contra a equipe da UNICAMP, mesmo a UNICAMP conhecendo tudo sobre a seleção e o time nacional sem ter noção do que representa a equipe universitária da UNICAMP, não seria possível o time da UNICAMP levar vantagem nos embates.

Uma das maneiras de conhecer o adversário é através de mapeamentos ou “scouts” e análises de vídeo, que é muito comum nos dias atuais.

Alguns autores da área como BAACKE (1979) e FERREIRA (1987), descrevem basicamente a tática como uma forma de facilitar o objetivo do jogo, utilizando-se a somatória das qualidades físicas, técnicas e psicológicas dos jogadores. A atuação individual passa a ser realizada em função da equipe. A tática deve respeitar ainda, as regras e as condições do jogo, bem como as táticas adversárias. MUTTI (1987) diz que *“a tática é o estudo, a orientação e a execução de manobras da equipe durante o jogo. É a*

preparação da equipe através de instruções básicas e especializadas, que a par de informações sobre o adversário, são planejadas com a finalidade de suplantar o inimigo durante a partida” (p. 99).

A coletânea destas observações, reflexões e estudos nos dá uma pequena mostra da complexidade que se envolve na formação tática de uma equipe esportiva. Ainda interfere nesse processo de elaboração tática, outros fatores como: as regras específicas de cada modalidade, os sistemas de jogo, a idade, sexo e outros que se interagem entre si, representando uma série de eventos e características que se formam e nos dão subsídios para técnicos e professores escolherem e determinarem um padrão tático para uma equipe desenvolver a plenitude do seu potencial individual, isto é, uma tática onde, as habilidades individuais de seus jogadores sejam usadas e hiperdimensionadas na formação tática da equipe. FERREIRA (1987).

1.2. Fatores Influenciadores da Tática.

Como foi citado anteriormente, a tática sofre influências de vários aspectos e fatores. Propomos aqui uma divisão dos fatores influenciadores da tática em dois grupos: *fatores objetivos e fatores subjetivos*. Foi encontrado algo semelhante na proposta de MUTTI (1994), onde ele enumera alguns fatores que norteiam a aplicação da tática para o futsal, porém sem nenhuma subdivisão dos mesmos. Os fatores que influenciam a tática segundo MUTTI são: condição técnica, adversário, condição física, aspectos psicológicos, regras, situações ocorridas durante a partida e as dimensões da quadra (no caso do futsal a quadra pode variar de tamanho).

Todos os fatores que influenciam a tática, segundo a proposta deste trabalho, se interagem, se misturam, se interpõem em vários momentos, criando uma diversidade de combinações de fatores complicadores e facilitadores. A tática nada mais é do que a simplicidade das ações.

No nosso caso os fatores influenciadores da tática estão divididos:

Fatores Objetivos.

Entre os fatores objetivos que influenciam a tática, estão os que influenciam com maior frequência:

- Regra.
- Sistema de Jogo.
- Sexo
- Idade.
- Capacidade, aptidão física e biotipo.

Fatores subjetivos.

Os fatores subjetivos são compostos por itens com uma variabilidade maior numa partida:

- Adversário.
- Nível Técnico dos jogadores.
- Condições do jogo.
- Tempo de participação. Refiro-me aqui, ao tempo que a equipe está atuando junto com o seu técnico e as inter-relações entre os jogadores.
- Características psicológicas.

2. Tática no voleibol: fatores de influência.

2.1. Fatores Objetivos.

2.1.1. Regra.

No voleibol é permitido apenas três contatos com a bola para se realizar a defesa, a preparação (levantada) e o ataque, ficando restritas as possibilidades coletivas de uma ação ofensiva/defensiva. Isso traz uma certa padronização de situações e jogadas, fazendo com que a improvisação seja menos usada no voleibol, do que nos outros esportes coletivos BAACKE (1979). É mais fácil improvisar, surpreender o adversário se você tem o domínio e a posse da bola.

O voleibol vive de três contatos com a bola. Toda sua armação tática depende sempre da velocidade e da aplicação em que esses toques são efetuados. É lógico que existe uma variação na maneira de atacar, jogadas diferentes, ataques em regiões diferentes da quadra, de lugares diferentes, com velocidades diferentes, mas “quase” sempre é utilizado os 3 toques. “Quase” sempre, porque pode acontecer o ataque ou a transposição da bola para a quadra adversária no segundo ou no primeiro toque.

Outro fator que interfere na tática de uma equipe, em relação a regra, é que somente o time que saca pode marcar ponto (exceção feita ao “tie break”), deste modo o time que saca pode arriscar mais numa jogada tática sem perigo de perder um ponto. Por outro lado, a equipe que recebe deve escolher uma primeira tática segura, pois cada erro contará um ponto em favor do adversário. O maior exemplo dessa influência é que no “tie break”, as equipes não se arriscam tanto.

A regra, ao mesmo tempo em que pode ser um fator facilitador da esquematização tática, pode vir a ser também um fator dificultador, pois, quanto mais alto for o índice técnico de sua equipe (domínio das intenções do jogo) menor será a preocupação dos jogadores com as regras. Para MUTTI (1994):

“sem regras não existe táticas. As regras do jogo indicam os pontos básicos na criação dos esquemas táticos.” (p. 99)

2.1.2. Sistema de Jogo

Fica claro aqui, que o sistema (modelo) de jogo é também um dos fatores influenciadores da tática. O sistema (modelo) de jogo está inserido na estrutura tática de uma equipe, ele só especifica a quantidade de levantadores e atacantes que uma equipe possui (exemplo: 5X1, 4X2, 3X3. O primeiro número representa a quantidade de atacantes e o segundo o de levantadores). Enquanto que a estrutura tática envolve outros diversos fatores citados anteriormente.

Nas equipes de melhor nível técnico é muito comum a utilização do sistema 5X1, onde é necessário uma estrutura tática que dê conta das trocas imprescindíveis para o melhor posicionamento do levantador, fazendo com que ele execute as infiltrações e trocas no bloqueio, manobras facilitadoras no sistema ofensivo/defensivo. Em categorias inferiores, como o mirim (12 anos), infantil (13 e 14 anos), principiantes, isto é, em equipes de menor condição técnica é fácil encontrar a utilização do sistema 4X2, pois esse modelo é fácil de ser compreendido e exige menos trocas e infiltrações que o sistema 5X1. Existem variações do sistema 4X2 (como de outro sistema qualquer), podendo uma equipe jogar com dois levantadores e ter sempre 3 atacantes na rede.

Como é o caso da equipe feminina juvenil de Cuba que foi campeã mundial em 1993, jogando desta forma.

O melhor sistema para uma equipe é aquele que possibilita o jogador demonstrar suas capacidades e habilidades num aproveitamento coletivo.

2.1.3. Sexo.

A diferença entre os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino, no que se refere a estrutura tática do voleibol, aparece por exemplo: na velocidade das jogadas, na força do ataque, na diversificação das jogadas, no posicionamento do bloqueio, no posicionamento para a recepção do saque e outras. Enquanto muitas equipes universitárias masculinas recebem o saque com 2 ou 3 jogadores, equipes universitárias femininas fazem a recepção com 5 ou 4 jogadoras¹. A vantagem de fazer a recepção com 2 ou 3 jogadores, é que apenas os melhores passadores da equipe vão realizar a recepção, entretanto na recepção com 5 atletas corre-se o risco do adversário sacar sempre no pior passador da equipe.

De uma maneira geral, em equipes universitárias, as ações no voleibol feminino são mais lentas que no masculino, propiciando uma forma de bloquear, defender, levantar, sacar e atacar diferenciada do masculino.

¹ No último Campeonato Universitário Paulista, realizado em Junho de 1995 na cidade de Lins, todas equipes masculinas recebiam o saque com 2 ou 3 jogadores, enquanto todas as equipes femininas recebiam com 5 ou 4 jogadoras.

2.1.4. Idade.

A idade é um outro fator importante que interfere na tática escolhida para o melhor rendimento de uma equipe. É evidente o porquê desse fator interferir na tática de um time, pois uma equipe de categoria inferior, mirim por exemplo, não consegue executar a mesma variação de ataque, bloqueio, defesa, saque, do adulto. Deve-se escolher para diferentes idades e níveis de desenvolvimento táticas adequadas pois parece que a idade esta relacionada, muitas vezes, com o desenvolvimento. *“O ensino das ações táticas é um dos aspectos demorados no trabalho com os jovens jogadores”* SUVOROV e GRISHIN (1990, p.121).

É difícil para uma criança de 12 anos de idade ter o nível técnico, o controle corporal específico para a prática do voleibol, bem como a capacidade física para poder se utilizar da mesma tática de uma equipe adulta. Até mesmo pelo pouco tempo de voleibol que uma criança desta idade deverá ter, ficaria difícil a compreensão, em nível cognitivo, de uma tática e complexa. *“A preparação tática dos jovens voleibolistas constitui uma complicação gradual das condições nos quais devem atuar os participantes, individualmente e em conjunto com os outros jogadores...”* SUVOROV e GRISHIN (1990, P.121).

2.1.5. Capacidade, aptidão física e biotipo.

A condição física e o biotipo do jogador determina, delimita, limita ou expande suas possibilidades de executar determinadas manobras dentro da quadra, determinando assim também as possibilidades táticas que o atleta poderá executar. *“O domínio da técnica está ligado à preparação física. Somente uma boa condição física e um elevado nível de desenvolvimento das capacidades físicas especiais pode conseguir êxito nos primeiros ensinamentos dos*

fundamentos técnicos do voleibol para aplicar com maior eficácia, durante o processo de aperfeiçoamento, os fundamentos técnicos aprendidos no próprio processo do jogo” SUVOROV e GRISHIN (1990, p.120).

Um jogador alto, lento, com capacidade anaeróbia excelente, com resistência muscular boa e capacidade de executar vários saltos durante uma partida perdendo muito pouco de sua impulsão inicial, vai executar funções diferentes de um jogador baixo, rápido e que se mantém com uma saltabilidade maior do que a do jogador anterior. Taticamente eles vão executar tarefas diferentes para que suas potencialidades físicas sejam hiperdimensionadas na formação tática da equipe (FERREIRA, 1987).

2.2. Fatores Subjetivos.

2.2.1. Adversário.

É importante conhecer o adversário que vai ser enfrentado, conhecer suas possibilidades. Para CLAVELL (1983) TZU diz: “...a oportunidade de derrotar o inimigo é fornecida pelo próprio inimigo” (p.29). MUTTI (1994) diz que conhecer o adversário “é um dos principais fatores para definirmos a tática do jogo” (p.99).

Saber como o adversário joga “pode ser fundamental para decidir um jogo ou para aumentar a confiança da equipe. Neste caso, o estabelecimento de um plano estratégico permite a seus jogadores saber como o adversário deverá jogar e como você deverá se conduzir” (CORDEIRO FILHO, 1994). É primordial saber como atua o time adversário no sistema ofensivo, defensivo, no bloqueio, no saque, na recepção e quais as características do levantador, se ele sempre salta para levantar, se vira muito a

segunda bola, se é rápido, etc. De igual importância é conhecer os suplentes do time adversário, pois um deles pode entrar contra a sua equipe e surpreendê-lo. Sabendo as características da equipe adversária, fica mais fácil de se aproveitar de seus pontos fracos e minimizar a atuação de seus pontos fortes, então entrar em quadra com o melhor sacador na passagem de recepção mais fraca da outra equipe, posicionar o bloqueio e defesa de acordo com a direção e frequência do ataque adversário e outros, passa a ser essencial na facilitação da vitória sobre o oponente.

2.2.2. Nível Técnico dos Jogadores.

Conhecer o adversário, suas falhas e virtudes é essencial, mas é primordial conhecer a própria equipe dentro das condições reais de jogo, qual o nível técnico de cada um dos seus componentes, o que cada um pode e é capaz de fazer, seus limites, dificuldades e imperfeições, assim como suas potencialidade. Estando a par das possibilidades dos atletas da própria equipe, é possível tirar melhor proveito das falhas adversárias, bem como ocultar e disfarçar as próprias dificuldades.

Enxergar e compreender os limites técnicos dos membros de sua equipe, evita que erros básicos sejam cometidos, como por exemplo: o pior atacante de sua equipe ter que enfrentar o melhor bloqueador adversário ou o melhor atacante adversário ser marcado pelo bloqueador mais baixo da equipe. Se você tem uma equipe *“composta por jogadores altamente técnicos, maior facilidade terão esses elementos de desenvolver esquemas e conseqüentemente, envolver o adversário, visto que, determinadas jogadas exigem habilidade dos jogadores”* (MUTTI, 1994).

Quanto maior o nível técnico dos voleibolistas, maior serão as possibilidades de variação da tática. *“O ensino da tática também está vinculado a um determinado nível de preparação técnica. Qualquer ação tática pode ser bem sucedida desde que disponha de um bom domínio dos fundamentos técnicos. Quanto maior diversificada for a preparação técnica dos jogadores de voleibol, maiores possibilidades técnicas terão a disposição”* SUVOROV e GRISHIN (1990, p.120).

2.2.3. Condições do Jogo.

Durante uma partida, surgem situações e circunstâncias, previsíveis ou não, que vão determinar a mudança tática do jogo. A entrada de um jogador do banco de suplentes, por exemplo, pode alterar o resultado dos “rallys”, do set e da partida. Pode-se mudar o sistema de bloqueio, de defesa, do ataque e do contra-ataque em benefício do jogo.

A condição em que o jogo se apresenta é de vital importância na escolha tática, como também é importante a situação psicológica, motivada pelo campeonato. Ter que vencer é diferente de vencer.

2.2.4. Tempo de Participação.

A tática pode ser determinada também pelo exercício, isto é, jogar em conjunto durante algum tempo ajuda a determinar a tática para um melhor aproveitamento individual.

Logo que o técnico assume a responsabilidade de um determinado time, é necessário que ele procure observar o potencial de seus jogadores. Com os jogos e treinos surgem novas possibilidades no aprimoramento e na ampliação do repertório tático da equipe. Um exemplo bem claro para essa

situação é o atacante Marcelo Negrão, que iniciou jogando na seleção brasileira atacando numa posição (ponta) e depois de algum tempo (2 anos aproximadamente) começou a executar funções bem diferentes das que vinha fazendo. Sempre é preferível desenvolver um futuro jogador com versatilidade, do que adaptar um jogador maduro em várias funções.

2.2.5. Características Psicológicas.

Outro fator subjetivo que influencia a tática de uma equipe são as características psicológicas de seus componentes. É importante que o relacionamento entre os sujeitos do mesmo time seja agradável e maduro, para que eles se sintam bem treinando ou jogando. A esse respeito BRYANT CRATTY em SINGER (1977) afirma: *“parece que os grupos mais bem sucedidos são aqueles cujos membros se conhecem suficientemente bem para tolerar suas virtudes e fraquezas, podem comunicar-se efetivamente e têm um padrão de liderança apropriado ao desempenho da tarefa, mas cuja orientação principal é a tarefa específica, mais do que a interação social como um fim em si mesma”* (p. 19).

É bom que dentro de um grupo exista um líder que comande o time para a obtenção de seus objetivos. *“É evidente que a liderança desempenha um papel principal no que diz respeito a afetar o desempenho do grupo”* SINGER (1977, p.18).

A motivação é um outro aspecto muito citado quando falamos em características psicológicas. Na obra de DANIEL MUTTI (1994) ele cita, basicamente, como único fator psicológico influenciador da tática como sendo a motivação. Sem dúvida nenhuma a motivação desempenha um fator primordial para o rendimento do atleta. *“A motivação é a insistência em caminhar em direção a um objetivo. Existem ocasiões onde nosso incentivo principal pode*

ser o alcance de uma recompensa, tal qual ter nosso nome impresso, ganhar um troféu ou elogio. Em outras ocasiões, o incentivo pode tomar a forma de um impulso interno para o sucesso, para provar ou conseguir algo para se auto-realizar. Sem a presença da motivação, um esportista não praticará ou, então, o fará muito mal” SINGER (1977, p. 47).

As características psicológicas influenciam na formação tática de uma equipe de voleibol, mas não existe nada específico para essa modalidade no trato com comportamentos psicológicos. Não existe nenhum padrão de comportamentos ou características que indicasse os melhores jogadores de uma determinada modalidade (SINGER, 1977 e SAMULSKI, 1992).

3. Objetivo

O objetivo do presente trabalho é fazer um levantamento da tática na equipe de voleibol universitária masculina da Unicamp, bem como, esclarecer e demonstrar o processo de formação e utilização da tática escolhida.

4. Justificativa.

O interesse pela pesquisa é de aprofundar o conhecimento das táticas do voleibol e contribuir para o conhecimento sobre o assunto, visto que existe necessidade de mais pesquisas na área para compreender melhor o fenômeno das táticas no voleibol.

5. Sujeitos.

Os sujeitos envolvidos neste trabalho foram os jogadores que compõem a equipe universitária masculina adulta da UNICAMP. A média de idade da equipe é de 21,6 anos e 184,6 centímetros de altura. Os jogadores desta equipe são alunos de graduação e pós-graduação dos diversos cursos da Unicamp.

A escolha da equipe para o desenvolvimento dessa investigação, foi feita por critérios de disponibilidade, pois a referida equipe está sob a direção e responsabilidade do autor desse trabalho, assim sendo, fica mais fácil a investigação e as possíveis intervenções táticas que foram executadas no percurso do trabalho.

6. Material.

O material utilizado para o desenvolvimento e auxílio na coleta de dados dessa pesquisa foi um mapeamento feito durante a partida, de como as equipes conseguiam definir ou fazer os pontos e executar os rodízios, isto é, retirar a vantagem para poder fazer um ponto.

7. Metodologia.

Com as súmulas das partidas, os mapeamentos e as anotações sobre os dados individuais dos jogadores, foi possível verificar as táticas utilizadas em diferentes jogos.

Foram ressaltados dois momentos distintos nas formações táticas. Numa primeira fase, foi escolhido cinco partidas mapeadas do primeiro semestre (junho de 1995), onde quatro delas eram jogos oficiais (JUP's - Jogos Universitários Paulistas) e um jogo amistoso. Na segunda fase, segundo semestre (agosto e setembro), foi escolhido mais cinco jogos (três oficiais e dois amistosos).

Os jogos foram escolhidos por apresentarem uma formação inicial parecida e serem, na sua maioria, jogos de algum campeonato.

Os mapeamentos foram feitos da seguinte forma; anotava-se como as equipes conseguiam conquistar as vantagens e os pontos, isto é, se o ponto ou a vantagem era conquistado através do saque, bloqueio, ataque, etc. Após os jogos era feita a contagem dos pontos e quem os conquistou, determinando a forma como isto ocorreu.

8. A Equipe de Voleibol Masculino da Unicamp (fase I).

É bom esclarecer que a equipe de voleibol masculino da Unicamp está sob direção técnica do autor deste trabalho e de mais um aluno graduação, Adriano José de Souza, desta mesma faculdade, desde Abril de 1995, quando foram iniciados os testes para selecionar os 15 melhores jogadores de vôlei da universidade. Num universo de quase 50 alunos, dos diferentes cursos da Unicamp, foram selecionados, de acordo com o critério de observação, durante três semanas, 15 jogadores. Esses jogadores passaram a sessões de treinamento, 4 vezes por semana, com duração de uma hora e trinta minutos.

Este esclarecimento é necessário que seja feito para se ter a noção do *tempo* (2.2.4) em que a equipe está trabalhando junto.

Para entender como a equipe da Unicamp foi formada e como se apresentou nos diversos jogos, torna-se preciso subdividir as esquematizações táticas da seguinte forma: recepção, defesa, ataque, contra-ataque, saque e boqueio. Esta divisão é feita apenas para fins didáticos, porque é sabido que estas ações estão ocorrendo conjuntamente.

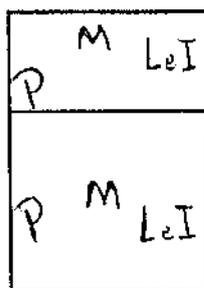


fig. 1

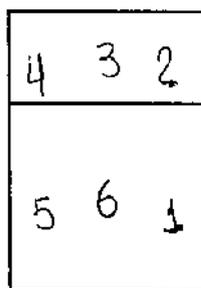


fig. 1.a

A partir deste momento será apresentada a quadra dividida em posições (fig. 1), para auxiliar na descrição das diversas jogadas. A figura 1.a mostra o posicionamento básico dos jogadores: ponta (P), meio (M), intermediário (I) e levantador (L).

No quadro seguinte os jogadores estão classificados de acordo com o desempenho observado durante a execução dos fundamentos (habilidades específicas).

É necessário uma tabela com esta classificação para demonstrar um pouco do que é verificado na prática. É claro que seria importante a criação ou execução de alguns protocolos que verificassem a eficácia de cada fundamento apontado com cientificidade (como aparece em Báfero, 1990), mas isso não seria possível neste momento, além de não fazer parte dessa proposta.

Neste nível (universitário) o jogador de voleibol não tem toda a vivência para jogar como deveria ter. Isso pode ser proveniente da quantidade diminuta de jogos, de poucas experiências anteriores ou de má qualidade das experiências. Por isso aparece classificações do tipo: “mal posicionado”, “movimenta pouco”, “antecipa pouco”, “dificuldade em deslocar”, nos itens bloqueio, defesa e recepção, pois com pouca vivência e experiência real de jogo, é difícil para alguns jogadores ter que chegar, antecipar e se posicionar bem antes do contato com a bola. A capacidade de prever a jogada é mais desenvolvida em jogadores experientes. Este chega na bola, mais rápido, equilibrado e bem posicionado para a execução do fundamento.

Quadro I: Classificação do desempenho

Jogador	Ataque	Bloqueio	Defesa	Saque	Recepção/Levantamento	Posição	Altura (Cm)
1	-Forte/alto -Rápido	-Baixo -Mal posicionado	-Ruim -Movimenta pouco	-Forçado -Pouco variado	-Ruim -Não passa na equipe	-Ponta	185
2	-Fraco -Baixo -Instável -Rápido	-Baixo -Bem posicionado	-Boa -Movimenta bastante -Antecipa bem	-Forçado -Variado	-Excelente -Bom deslocamento	-Meio Intermediário	186
3	-Forte -Alto -Rápido -Versátil	-Alto -Bem posicionado	-Regular -Antecipa pouco -Bem posicionado	-Forçado -Variado	-Levanta bem -Varia pouco as jogadas.	-Levantador -Meio Ponta -Intermediário	182
4	-Regular -Instável -Inseguro -Força Média	-Baixo -Mal posicionado	-Regular -Movimenta pouco -Mal posicionado	-Pouco variado -Pouco Forçado	-Regular -Dificuldade em deslocar e efetuar o passe	-Intermediário -Ponta	183
5	-Alto -Forte -Impreciso -Irregular	-Alto -Mal posicionado	-Ruim -Antecipa pouco -Movimenta pouco	-Pouco variado -Pouco Forçado	-Ruim -Não passa na equipe	-Ponta -Meio	193
6	-Baixo -Fraco -Ruim	-Baixo -Mal posicionado	-Regular -Bem posicionado -Movimenta pouco	-Regular -Variado	-Levanta bem -Boa variação de jogadas	-Levantador	181
7	-Baixo -Rápido -Boa regularidade	-Baixo -Bem posicionado -Desloca rápido	-Excelente -Boa movimentação -Bem posicionado	-Forçado -Variado	-Excelente -Bom deslocamento	-Meio Intermediário	182
8	-Fraco -Baixo -Irregular	-Baixo -Mal posicionado	-Regular -Boa movimentação	-Fraco -Pouco variado	-Irregular -Ruim	-Ponta	184
9	-Alto -Irregular -Forte -Impreciso	-Alto -Mal posicionado -Desloca rápido	-Ruim -Antecipa pouco -Movimenta pouco	-Pouco Forçado -Pouco variado	-Ruim -Não passa na equipe	-Meio	191
10	-Baixo -impreciso -Força Média	-Baixo -Mal posicionado	-Bom posicionamento -Boa movimentação	-Pouco forçado -Pouco variado	-Regular -Dificuldade em deslocar e efetuar o passe	-Ponta -Intermediário	178
11	-Forte/Alto -Variado -Direcionado -Rápido	-Baixo -Bem posicionado	-Regular -Precisa antecipar mais	-Variado -Bom -Forçado	-Boa -Irregular -Movimenta bem	-Ponta -Intermediário	184
12	-Forte -Direcionado -Variado	-Baixo -Mal posicionado	-Boa -Posiciona bem	-Variado -Pouco forçado	-Boa -Desloca com facilidade	-Ponta -Intermediário	186
13	-Forte/Alto -Direcionado -Variado	-Altura/média -Bem posicionado	-Regular -Movimenta Pouco	-Variado -Pouco Forçado	-Boa -Regularidade -Desloca bem	-Ponta	186

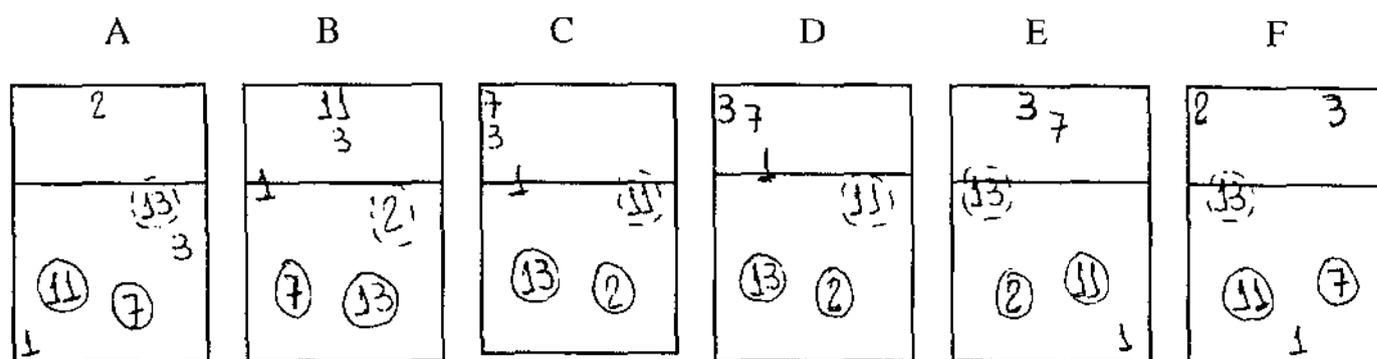
8.1. Recepção.

“O domínio dessa situação de jogo é decisivo desde o mais baixo ao mais alto nível de jogo: cada erro resulta imediatamente num ponto fácil para o adversário; cada primeiro passe incerto pode enfraquecer o próprio ataque de tal maneira que ficará impossível um retorno imediato do direito ao saque”

DURRWACHTER (1984, p. 15)

A recepção da equipe da Unicamp foi feita, na maioria das vezes (15 de 18 jogos), com 4 jogadores se alternando 3 a 3 de acordo com cada rodízio. A estrutura para a recepção do saque adversário é a seguinte:

- jogador responsável pela recepção.
- ⊖ jogador responsável pela recepção do saque curto.

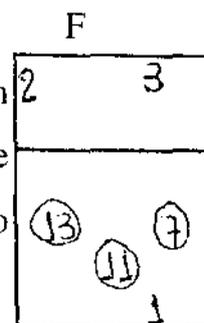


Os jogadores 7 e 2 são os atacantes de bola rápida (jogadores de meio), os que atacam a primeira bola das diversas combinações de ataque. Sendo assim, quando eles estão na rede nunca efetuam a recepção (exceto na passagem B, que pode ocorrer do jogador 2 recepcionar o saque), pois dessa forma fica mais rápido o ataque, sem correr o risco no atraso da jogada. “Sem

uma recepção de saque precisa e segura, a formação para um ataque efetivo se torna impossível" FROHNER (1983, p.62). Os atacantes de ponta (13) e intermediário (11) executam o passe (recepção) mesmo estando na rede, pois esses atacam bolas mais altas e lentas, dando tempo de receber o saque e se deslocar para atacar. Apesar de ser possível o deslocamento para o ataque após o passe, quando um deles está na rede a preferência na recepção é de quem está no fundo de quadra (exceção feita na passagem A, onde o atleta 11 tem a responsabilidade do passe) e quem está na rede tem a responsabilidade de receber o saque curto.

Em todas as passagens para a recepção existem algumas variações; uma delas é feita nas seis posições (A, B, C, D, E e F), quando o time adversário saca viagem ou outro tipo de saque forçado a estrutura do passe se modifica para um semicírculo em três pessoas, exemplo:

Outras variações são decorrentes do momento, isto é, se um jogador está recebendo muito bem numa determinada partida, ele deve ter a prioridade na recepção do saque, assim como o contrário também é verdadeiro; se um dos jogadores designados para receber o saque está passando mal, ele deve se posicionar de tal forma que execute menos recepções.



Nas passagens (A, E e F) em que o jogador 1 está no fundo de quadra, ele exerce uma função importante na recepção, pois por estar fora do passe, em razão de sua deficiência nesse fundamento, ele pode atacar do fundo (melhor ataque de trás da linha de 3 metros) e deve avisar para os companheiros quando a bola vai para fora ou para dentro, ajudando muito na orientação da recepção nas bolas duvidosas. O posicionamento dos atacantes que estão na rede, nas passagens D, E, e F, é deslocado para a posição 4, facilitando o

trabalho dos atacantes, pois atacar desta posição para os destros, que é o caso, parece ser mais fácil.

Algumas outras modificações na recepção seriam possíveis, caso um dos passadores estivesse muito mal na partida e fosse substituído pelo atleta 12, que recebe muito bem. Outra possibilidade seria a inversão do sistema 5X1, fazendo entrar o jogador 6 no lugar do 11 para levantar, enquanto o jogador 3 ajudaria a recepção.

Jogando cinco partidas (uma melhor de 5 sets e 4 melhor de 3 sets), 13 sets, com essa formação para a recepção, a equipe da Unicamp sofreu 20 pontos de saque, do total de 140 pontos sofridos nestas partidas. Isso representa 14,3%, do total de pontos sofridos, por má recepção de saque (ver tabela 1).

Pontos Sofridos

	Ataque errado	Contra-ataque (adversário)	Recepção errada	Defesa	Levantamento errado	Outros ²	Total
Quantidade em pontos	59	23	20	8	11	19	140
%	42,1	16,4	14,3	5,7	7,9	13,6	100

Tabela 1

Pontos Conquistados

	Erro adversário ³	Contra-ataque	Bloqueio	Saque	Total
Quantidade em pontos	65	40	29	25	159
%	40,9	25,2	18,2	15,7	100

Tabela 2

² Erro de posicionamento, dois toques, condução, rede e invasão.

³ Ataque fora ou na rede, erro de posicionamento, dois toques, condução, rede, invasão e cartão vermelho

8.2. Defesa.

Na defesa “as atitudes de cada jogador têm que relacionar coerentemente com o ataque adversário (e o bloqueio da sua equipe) e devem preparar bem a sua própria armação para o ataque. DURRWACHTER (1984, p. 149).

Na defesa utilizada pela equipe da Unicamp não é usado um jogador na cobertura do bloqueio, isto é, o jogador não tem necessidade de ficar próximo ao bloqueio para pegar as bolas largadas, eles tem condições de deslocar rápido da posição pré-estabelecida para onde, eventualmente, haverá uma largada. A defesa funciona, basicamente, assim:

○ Responsáveis pelas largadas mais próximas ao bloqueio.

Ataque pela ponta

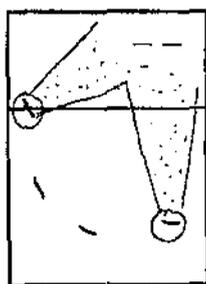


fig.2

Ataque pela saída

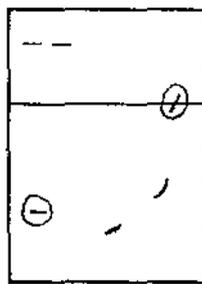


fig.3

Ataque pelo meio

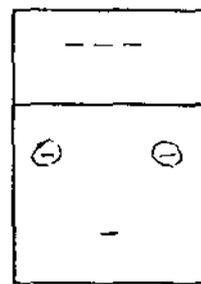
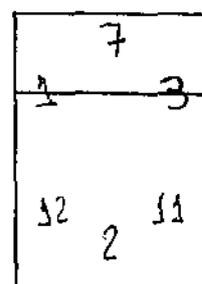
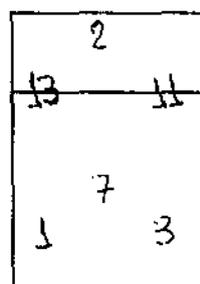
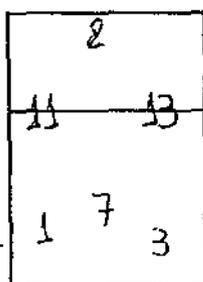


fig.4

Fazendo a análise sobre a mesma formação avaliada na recepção podemos dizer que os jogadores 7 e 2 defendem no meio por serem os melhores defensores. Os pontas (13 e 1) defendem nas posições 4 e 5 (fig. 1a, p.26), enquanto o levantador (3) e o diário (11) defendem nas posições 1 e 2. Portanto a defesa seria executada, basicamente, desta forma ao lado. Dependendo apenas da definição do ataque adversário, para se posicionarem de acordo com as figuras 2, 3 e 4.



Das cinco partidas analisadas, a equipe da Unicamp sofreu 8 pontos por deficiência na defesa (estas defesas foram consideradas “defensáveis”, portanto não levamos em consideração, que todas as bolas caídas na quadra da Unicamp como falha da defesa), totalizando 5,7% dos pontos sofridos.

8.3. Ataque.

“Um bom ataque é muito importante para o sucesso de um jogo, mas um bom ataque não significa apenas uma cortada violenta. Aprenda primeiro a controlar a velocidade, precisão e direção de sua cortada”. BAACKE (1979, p. 3)

A cortada é um dos recursos do ataque, *“o lobe (largada) pode ser uma arma de ataque bastante eficiente, que exige uma atenção total do adversário e o obriga a tomar medidas táticas adicionais na defesa da quadra”* DURRWATCHER (1984, p. 89).

As posições dos atacantes em quadra (meio, ponta ou intermediário) foram feitas baseadas na experiência anterior de cada um e na observação da comissão técnica. O time da Unicamp não é um time alto, então havia a necessidade de um ataque variado e com bolas rápidas, para dificultar a ação do bloqueio adversário.

Cada jogador ataca um tipo de bola específica, isto é, altura, velocidade e local de ataque. De acordo com a especificidade individual, formase um padrão ofensivo coletivo.

Os jogadores 7 e 2 atacam bolas rápidas pelo meio e perto do levantador (tempo na frente, tempo atrás e chutada de meio). O jogador 7 sendo melhor atacante e mais versátil que o 2, começa o jogo do lado do levantador,

pois na rede terá apenas dois atacantes, então ele terá a chance de ser mais exigido e utilizado, do que o jogador 2. Na mesma situação do jogador 7, encontra-se o jogador 13.

O atacante de ponta (13) e o intermediário (11) foram os mais exigidos durante as partidas, realizando em média dez ataques por jogo⁴ o ponta 13 e oito ataques por partida o intermediário 11, enquanto os jogadores de meio realizaram em média 3,2 (7) e 2,5 (2) ataques por partida. Os outros dois atacantes de ponta (1 e 12) mais utilizados na partida executaram, respectivamente, 5 e 3,5 ataques por jogo.

O jogador 13 na passagem A (p.29) atacava uma meia bola na saída de rede (bola levantada de costas, pelo levantador, a uma altura mediana) ou uma desmico (bola em que o jogador de meio faz uma finta, saltando para atacar uma bola bem rápida, enquanto o jogador que está na saída de rede (posição 2) passa por trás do atacante de meio e corta uma bola de altura mediana na frente do levantador (fig 5),

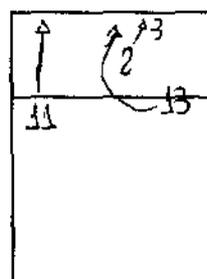


fig. 5

enquanto o intermediário 11 fica na ponta atacando uma bola alta ou uma bola de altura mediana. Caso o jogador 2 vá atacar uma chutada de meio (jogada rápida com o jogador atacando a dois metros de distância do levantador), o intermediário atacaria a "between" (ataque feito entre o levantador e o atacante de meio, por isso o nome de between, que inglês quer dizer entre

⁴ Foram computados somente os jogos disputados em melhor de 3 sets.

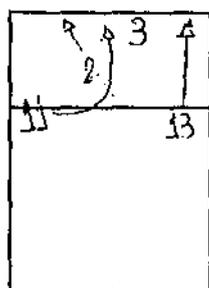


Fig. 6

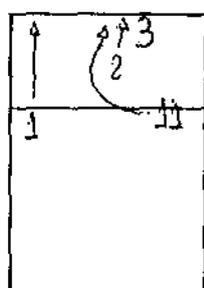


Fig. 7

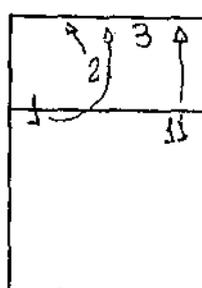


Fig. 8

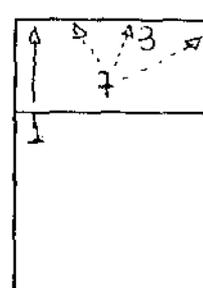


Fig. 9

duas pessoas ou objetos. ver fig.6) e o atacante 13 estaria preparado para atacar uma meia bola atrás. Essas eram as combinações mais frequentes nesta posição, podendo ocorrer alguma variação destas jogadas.

Durante a passagem B (p. 29) as combinações de ataque mais frequentes eram tempo na frente do 2 e desmico do 11 (fig. 7) e uma chutada na ponta (bola rápida na posição 4) para o 1. Outra jogada possível é tempo na frente do jogador 2, tempo atrás do 11 e o 1 atacando a chutada na ponta. Também foi utilizada, nesta passagem, a chutada de meio (2) e “between” com o ponta 1, ficando o intermediário (11) na meia bola na saída (ver fig. 8).

Na posição C as combinações de ataque são, basicamente, as mesmas da passagem B, alterando apenas o atacante de meio 2 pelo 7.

Na passagem D (p. 29) o jogador de meio 7 pode atacar uma bola de tempo, enquanto o jogador 1 ataca uma chutada na ponta. O jogador de meio pode atacar, ainda, uma chutada de meio ou china (bola chutada, levantada para trás em que o atacante salta com um pé só, numa passada lateral) e o atleta 1 fica na mesma chutada ponta ou uma meia bola na ponta (ver fig. 9). Nesta posição, aparentemente, sem muitas variações de ataque, aparece o levantador como opção ofensiva, pois ele sempre levanta saltando e pode atacar a segunda

bola. Então o bloqueio adversário deve ficar atento e marcando o levantador durante a sua permanência na rede.

As passagens E e F são parecidas, modificando os atacantes de meio, porém as opções de ataque são as mesmas: os jogadores de meio atacam a bola de tempo e o jogador de ponta 13 atacando o degrau,

enquanto o jogador 1 ataca uma bola do fundo de quadra (fig.10). Outra possibilidade utilizada é a jogada “between” com os jogadores de meio atacando a chutada de meio e o ponta 13 atacando a segunda bola, sobrando o ataque de trás

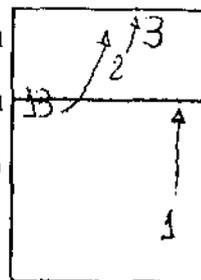


fig.10

da linha de 3 metros para o atacante 1. Também pode ser usado a china com o jogador de meio, meia bola na ponta e o ataque de fundo pela posição 6 (fig.11).

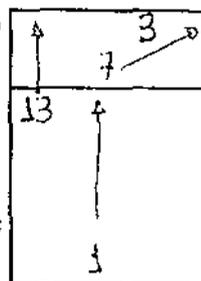


fig.11

Na posição F é comum a entrada do jogador 9, pois este possui um ataque mais alto e forte, do que o atacante 2, além de possuir um bloqueio mais alto.

É importante frisar que outras mudanças de combinação de ataque, ou incidência de ataque em uma determinada posição acontece de acordo com o adversário, pois se o time adversário possui um atleta baixo ou que bloqueia mal, tenta-se atacar por onde ele estiver, facilitando assim o ataque. Se o outro time tem um excelente bloqueador, é interessante que se ataque na posição em que ele não estiver. “A direção do passe, sua altura e a curva de vôo da bola determinam não apenas o início, a velocidade e a direção da corrida, mas obrigam, frequentemente, o emprego de certos tipos de cortada ou a alteração da sequência de movimento normal”. DURRWACHTER (1984, p.77).

Dos 140 pontos sofridos em 5 partidas, 59 pontos foram por erro de ataque (ataque para fora, na rede ou bloqueado), perfazendo um total de 42,5% dos pontos sofridos.

8.4. Contra-Ataque.

“Num esporte como o voleibol, onde o jogo se constitui basicamente de contra-ataques, está evidente que ele se reverte num compartimento de grande importância no jogo”. FEDERAÇÃO FRANCESA DE VOLEIBOL (1982, p.189).

Toda bola defendida por uma equipe, gera um contra-ataque, que pode ser executado com facilidade ou não.

O sistema de contra-ataque implantado na equipe da Unicamp, segue um padrão bem parecido com o do ataque, mudando apenas o posicionamento dos pontas, meios, intermediário e levantador, pois eles ficam numa posição específica (ver fig.1, p.26). Entretanto as combinações de jogadas para o contra-ataque são as mesmas do ataque, só que respeitando o posicionamento descrito na figura 1.

O contra-ataque pode ser executado com facilidade, se a bola vier da quadra adversária fácil, assim sendo, fica certo que os jogadores do fundo que não forem participar do ataque, tem a preferência de fazer o passe para o levantador, acelerando a jogada. Caso a bola para o contra-ataque venha de uma defesa difícil, onde o time adversário atacou com violência ou largou numa área vulnerável, a forma de contra-atacar será diferenciada da maneira anterior, pois muito provavelmente será feito com bolas altas na ponta, na saída de rede ou do fundo de quadra. No contra-ataque segue a mesma orientação do ataque no que diz respeito de se aproveitar do pior bloqueio ou evitar o confronto com o melhor bloqueio adversário.

Nas cinco partidas mapeadas, foram feitos 159 pontos, onde 40 deles foi conseguido através de contra-ataques, isso representa 25,2% do total de pontos conseguidos. O jogador que mais pontos conquistou, através do

contra ataque, foi o jogador 11, sete pontos (17,5%), enquanto o jogador 1 fez seis pontos (15%).

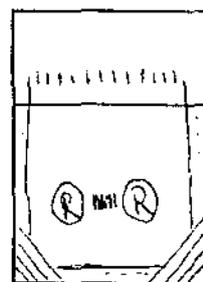
8.5. Saque.

“Um saque eficiente é meio caminho para o ponto. Um saque perdido é uma chance perdida de se marcar um ponto” BAACKE (1979, p. 3).

“Em jogos de nível elevado, já conta como vantagem, quando o adversário não consegue jogar o primeiro passe com exatidão para o levantador, e com isso, as possibilidades técnicas e táticas de ataque são desfavorecidas de tal maneira, que o próprio bloqueio e a defesa da quadra adquirem chances de defesa favoráveis” DURRWACHTER (1984, p. 6).

Para a definição da tática de saque é muito importante que se conheça a equipe adversária, suas dificuldades e virtudes na recepção, para escolher a melhor maneira de sacar abalando o sistema de recepção da equipe oponente.

Existem algumas regiões na quadra onde é difícil a execução da recepção (fig. 12). Sacar próximo as linhas laterais, nas áreas indicadas, entre dois atletas, saques curtos e sacar onde o levantador está infiltrando ou na sua trajetória até atingir a posição básica para se efetuar os levantamentos, são algumas maneiras de dificultar a recepção adversária.



Quando não se conhece o oponente, a equipe da Unicamp inicia o jogo com saques fortes visando as áreas indicadas, alternados com saques curtos e de diversas posições do fundo de quadra (com a nova regra, pode-se sacar de qualquer parte do fundo de quadra, respeitando o prolongamento das linhas laterais da quadra). No decorrer da partida, vão aparecendo possibilidades, estratégias e jogadores “alvo” para montar a tática de saque. É interessante dizer que todos os jogadores da seleção da Unicamp olham para o banco antes de sacar, caso haja alguma instrução específica.

Nas oportunidades em que se conhece os adversários é traçado uma tática de saque para cada um dos jogadores, demonstrando seus pontos vulneráveis e regiões preferenciais para o saque.

Das cinco partidas analisadas, em quatro oportunidades os adversários eram conhecidos e foram conquistados 25 pontos de saque (15,7%) dos 159. Fazendo uma análise das quatro partidas, nas quais o oponente era conhecido, a porcentagem de pontos conquistados através do saque aumenta para 16,2%, enquanto a porcentagem somente do jogo, em que não era conhecido a recepção adversária, cai para 13,3% (4 pontos dos 30 conquistados). Interessante frisar que três dos quatro pontos foram conquistados no segundo set.

Os jogadores 11 e 3 foram os que mais conquistaram pontos (6 pontos ou 24% cada jogador) com o saque; seguidos pelos jogadores 2 e 13, que conquistaram 2 pontos cada (8%).

8.6. Bloqueio.

“O bloqueio se constitui na mais eficaz defesa contra as cortadas, constituindo-se em ponto referencial para a defesa” FROHNER (1983, p.86).

“As chances de êxito de uma boa defesa da quadra são muito pequenas em cortadas fortes. Apenas um bloqueio técnico e taticamente ótimo pode reduzir a força do ataque adversário, pode possibilitar a armação de um contra-ataque eficiente ou até conseguir um ponto direto” DURRWACHTER (1984, p.124).

O bloqueio, assim como o saque, depende bastante da equipe adversária para planejar a estratégia mais adequada.

Como o time da Unicamp, têm como seu melhor bloqueador o levantador (caso raro no voleibol), a equipe começava o jogo com o levantador na posição 5 da quadra (passagem C, p.29) fazendo ele coincidir com a rede adversária de três atacantes.

As trocas na rede foram pouco executadas na marcação do ataque adversário, mantendo-se a estrutura da figura 1, onde cada componente tem sua posição específica. As passagens em que existiram mais trocas para execução do bloqueio, foram as passagens D, E e F, quando o levantador 3 marcava o melhor atacante adversário que estivesse na rede. Caso o levantador fosse para a ponta ou meio, o jogador que estivesse ocupando esta posição iria para a posição 2.

A entrada do jogador 9, no lugar do 2, para bloquear é uma prática comum, pois por ser mais alto, e saltar mais, seu bloqueio se torna mais alto e eficaz, apesar de não ter uma postura tão correta quanto a do jogador 2.

Nas mesmas 5 partidas avaliadas, foram conquistados 29 pontos de bloqueio (18,2%), de um total de 159. Analisando apenas a partida, na qual não se tinha conhecimento de como jogava o adversário, foram conquistados 4 dos 30 pontos a favor da Unicamp, perfazendo um total de 13,3%. Enquanto nas outras 4 partidas, foram conquistados 25 pontos dos 129, elevando para 19,4% do total de pontos conseguidos.

Nove dos 29 pontos foram feitos pelo jogador 3, totalizando 34,4% dos pontos conquistados através do bloqueio. Sendo que o segundo jogador (jogadores 2, 7 e 13) que mais conquistou pontos através deste fundamento, conquistou 3 pontos (10,4%).

9. A Equipe de Voleibol Masculino da Unicamp (faseII).

Nesta segunda fase, segundo semestre de 1995, será analisado mais cinco jogos, sendo que dois deles foram disputados em melhor de 5 sets e três em melhor de 3 sets.

Nesta etapa o jogador 13 não fazia mais parte da equipe, sendo necessário algumas mudanças descritas adiante.

As tabelas 3 e 4 demonstram como foram sofridos e conquistados os pontos da equipe da Unicamp.

Pontos Sofridos

	Ataque ⁵ Errado	Contra-Ataque (Adversário)	Recepção Errada	Defesa	Levantamento Errado	Outros ⁶	Total
Quantidade em pontos	84	74	26	4	13	21	222
%	37,8	33,3	11,7	1,8	5,9	9,5	100

Tabela 3

Pontos Conquistados

	Erro Adversário ⁷	Contra-Ataque	Bloqueio	Saque	Total
Quantidade em pontos	83	60	37	29	209
%	39,7	28,7	17,7	13,9	100

Tabela 4

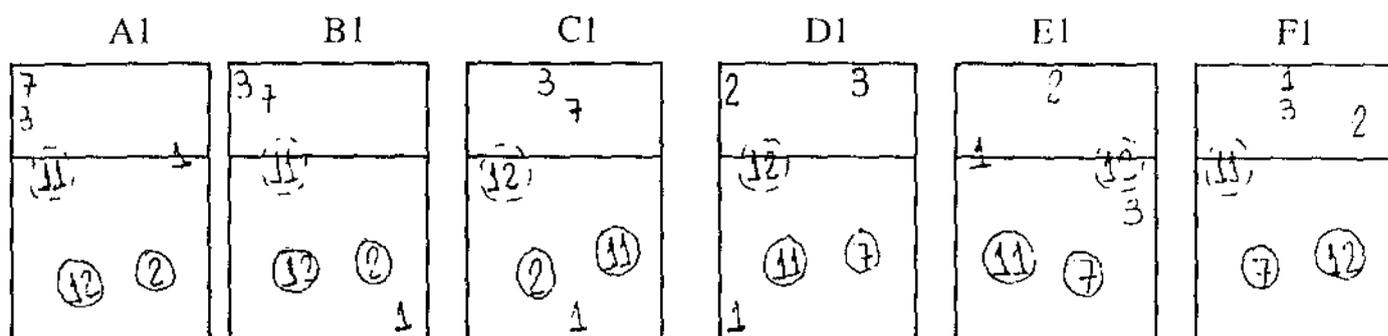
⁵ Ataque para fora, na rede ou bloqueado.

⁶ Erro de posicionamento, dois toques, condução rede e invasão.

⁷ Ataque para fora ou na rede, erro de posicionamento, dois toques, condução, rede, invasão e cartão vermelho.

9.1. Recepção.

- jogador responsável pela recepção.
- ⊙ jogador responsável pela recepção do saque curto.



A recepção continua sendo feita com quatro jogadores se alternando 3 a 3 de acordo com o rodízio. Quando o saque adversário é muito forçado a recepção se modifica para um semi-círculo em três pessoas, como antes.

Segue as recomendações para que os atacantes de meio (2 e 7) não executem o passe, para que as jogadas ganhem em velocidade. Nesta nova formação não ocorre em nenhum rodízio, do jogador de meio, que está na rede, receber o saque, como ocorria na passagem B anterior.

Como é possível observar, a estrutura é basicamente a mesma da outra formação, com os atacantes de ponta (11 e 12) se revezando na recepção do saque curto e com o jogador 1 auxiliando na recepção das bolas duvidosas.

De acordo com a tabela 3, a equipe da Unicamp sofreu 26 pontos por má recepção, perfazendo um total de 11,7% dos pontos sofridos.

9.2. Defesa.

A defesa também permaneceu com a formação básica (figura 2, 3 e 4), só que desta vez o intermediário é o jogador 1 e o jogador 11 é o ponta. então a defesa funcionaria de acordo com as figuras 2, 3 e 4, sendo que o jogador 1 defende nas posições 1 e 4 (fig. 1a, p.26) e os jogadores 11 e 12 defendem nas posições 2, 4 e 5, dependendo da passagem. Quando o jogador 1 estiver na rede, junto com os jogadores 11 ou 12, ele sempre vai defender na posição 4, enquanto os jogadores 11 e 12 vão defender na posição 2. Quando o jogador 1 não estiver na rede, o jogador 11 ou 12, que estiver na rede, defenderá na posição 4. No fundo de quadra o jogador 1 vai defender na posição 1 e os jogadores 11 e 12 na posição 5.

Exemplo : passagem A1 com ataque pela ponta.

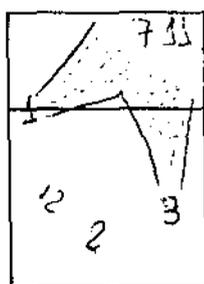


fig. 13

Na passagem em que o jogador 3 está na rede, ele sempre fica no meio, portanto os jogadores 2 ou 7 defendem na posição 2.

Dos cinco jogos mapeados, 4 pontos foram sofridos de falhas na defesa, totalizando 1,8% dos pontos sofridos.

9.3. Ataque.

No sistema de ataque foi mantido os jogadores de meio 2 e 7. Colocou-se o jogador 1 na diagonal do levantador, para aproveitar o seu ataque nas três passagens em que ele está no fundo de quadra, pois nestas passagens existem apenas dois atacantes na rede.

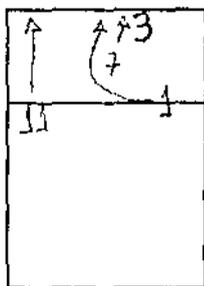


fig.14

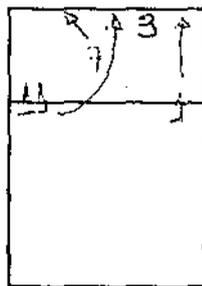


fig. 15

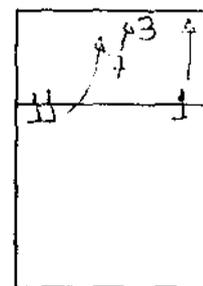


fig. 16

Na passagem A1 pode-se fazer a jogada desmico (fig. 14) com o atacante 1 e uma bola de altura mediana (meia bola) na ponta com o jogador 11. Também foi usado o jogador 7 atacando uma chutada de meio e o 11 atacando a “between” (fig.15), enquanto o jogador 1 ataca uma meia bola pela posição 2. Outra combinação possível é um degrau (fig. 16) com o jogador 7 e 11 e uma meia bola com o jogador 1.

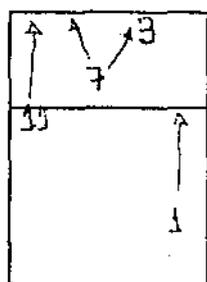


fig. 17

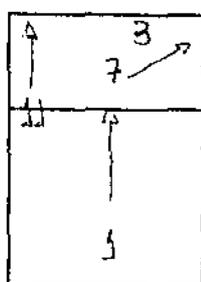


fig. 18

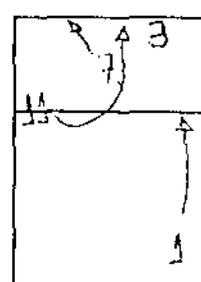


fig. 19

Na passagem B1 (p. 43), as jogadas mais utilizadas foram o tempo ou chutada de meio com o jogador 7, meia bola na ponta para o jogador 11 e o ataque de fundo com o jogador 1 (fig. 17). Também foi utilizada a “China” com o jogador 7, meia bola na ponta para o 11 e o ataque rápido do fundo pelo meio com o jogador 1 (fig. 18). Também é usada a “between” com os jogadores 7 e 11 (fig. 19), tendo o jogador 1 atacando a bola do fundo.

O jogador 12 entra na rede (zona de ataque - posições 2, 3 e 4) na passagem C1 e as combinações de ataque se mantêm, praticamente, as mesmas da passagem anterior, trocando-se apenas o jogador 11 pelo 12. Enquanto na passagem D1 troca-se o jogador 7 pelo 2, mantendo-se a estrutura e as combinações de ataque da passagem C1.

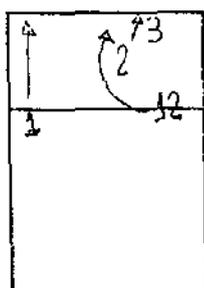


fig. 20

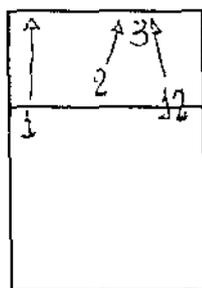


fig. 21

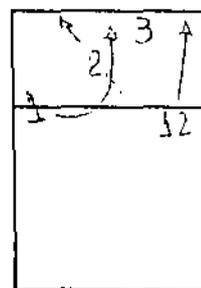


fig. 22

Na passagem E1 acontece a desmico com os jogadores 2 e 12 (fig. 20) e a chutada na ponta para o jogador 1, ou o tempo na frente do jogador 2, tempo atrás do jogador 12 e a chutada na ponta ou meia bola do jogador 1 (fig.

21). Pode ocorrer também a “between” do jogador 2 e 1 ou uma meia bola para o jogador 12 (fig. 22).

As combinações de ataque na passagem F1 são basicamente, as mesmas da passagem E1, sendo que o jogador 1 ocuparia a posição do 12 e o 11 do jogador 1.

Nunca é demais esclarecer que essas combinações de ataque só são possíveis se a recepção for na posição pré-estabelecida para o levantador executá-las com perfeição.

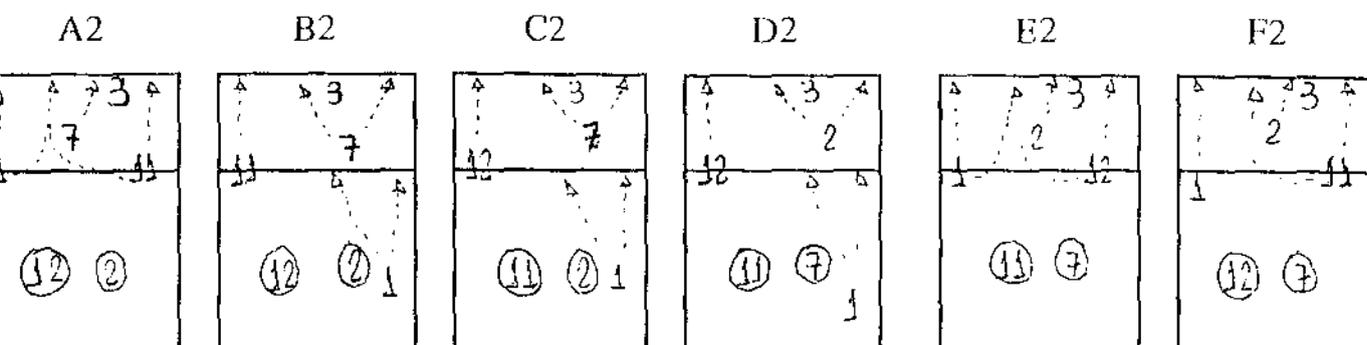
Foi comum a entrada do levantador 6 no lugar do jogador 1, para que a equipe ficasse com três atacantes, pois o jogador 3 também ataca. A entrada do 6 se dá quando o jogador 1 está no saque. No ataque o jogador 3 executa as mesmas combinações de ataque, que o jogador 1.

Dos 222 pontos sofridos, 84 pontos foram por erro de ataque, estabelecendo a marca de 37,8% de pontos sofridos.

9.4. Contra-ataque.

No sistema de contra-ataque desta outra formação, há algumas diferenças no que diz respeito ao posicionamento dos jogadores 1, 11 e 12. O jogador 1 começa na posição do intermediário, isto é, na diagonal do levantador, mas no contra-ataque ele sempre fica na posição 4, enquanto os jogadores 11 e 12 ficam na posição 2. O jogador 11, das três passagens na rede (A2, B2 e F2 (p. 48)), fica duas vezes (A2 e F2) na posição 2 e o jogador 12 fica uma passagem (E2) na posição 2. Isso acontece porque o atacante 1, tem mais facilidade de atacar da posição 4, do que os demais. Entretanto o jogador 11 tem uma certa facilidade de atacar da posição 2.

Posicionamento para o contra-ataque



A entrada do levantador 6 no lugar do jogador 1, muda a estrutura do contra-ataque, pois o jogador 3 passaria a contra-atacar pelo meio da rede, enquanto os meios 7 e 2 fazem o contra-ataque pela posição 2.

Para a execução do contra-ataque fácil, fica estabelecido que os jogadores com um círculo em volta são responsáveis pelo passe, para acelerar a jogada.

As combinações das jogadas para o contra-ataque, segue o mesmo padrão das combinações de ataque, com pequenas variações do tipo: nas passagens C2 e D2 o jogador de meio vai atacar a bola de tempo (rápida), enquanto o jogador 12 sai da posição 4 para atacar uma “China” na posição 2 (fig. 23).

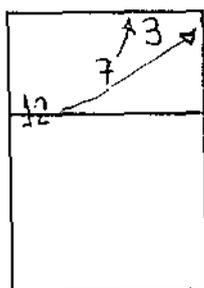


fig. 23

28,7 % dos pontos conquistados, nesta etapa, foram através de contra-ataques, isto é, 60 pontos conquistados num total de 209 pontos. Os jogadores que mais conquistaram pontos, através do contra-ataque foram os

jogadores 3 e 11 (13 pontos ou 21,6% cada), enquanto o jogador 7 fez 11 pontos (18,3%).

9.5. Saque.

As orientações para o saque continuam sendo as mesmas para esta formação. Em duas oportunidades (8 sets), conhecia-se os adversários e nessas duas partidas foram conquistados 13 pontos de saque (44,8%) do total de 29 pontos. Outros 16 pontos (55,2%) foram conquistados em 11 sets, onde não era conhecido o oponente. Isso representa 14,6% dos pontos conquistados quando se conhecia o adversário, enquanto 13,3% dos pontos quando não se conhecia, enquanto 13,3% dos pontos quando não se conhecia o adversário.

O jogador 11 foi o que mais conquistou pontos (7 pontos ou 24,1%) através do saque; seguido pelos jogadores 7, que conquistou 6 pontos (20,7%) e pelos jogadores 2 e 3, que conquistaram 5 pontos cada (17,2%).

9.6. Bloqueio.

Levando-se em consideração que o melhor bloqueador é o jogador 3, o sistema de bloqueio foi montado para que ele bloqueasse no meio, assim aumentaria a possibilidade de sua participação em mais bloqueios, aumentando também sua eficiência.

Então quando o jogador 3 estiver na rede com os jogadores 2 ou 7 ele fica no meio, enquanto os outros dois bloqueariam pela posição 2.

Foi mantida a estratégia de iniciar o jogo com o levantador na posição 5, fazendo ele coincidir com a rede adversária de três atacantes.

A entrada do jogador 9 para bloquear no lugar do 2, ainda foi comum, pois com o jogador 9 em quadra durante menos tempo que o jogador 2, ele conseguiu conquistar dois pontos de bloqueio enquanto o jogador 2

conseguiu apenas um. O jogador 5 também entrou no lugar do jogador 2 por duas vezes e entrou no lugar do jogador 6 em outras duas oportunidades. Durante esses momentos em quadra ele conquistou 1 ponto de bloqueio.

Foram conquistados 37 pontos de bloqueio (17,7%), do total de 209 pontos. Nas partidas em que se conhecia o adversário, foram conquistados 17 pontos de 89, totalizando 19,8% dos pontos. Nas partidas em que não se conhecia o oponente, foram conquistados 20 pontos (16,6%) dos 120 pontos conquistados nessas partidas.

O jogador que mais pontos conquistou, através do bloqueio, foi o jogador 3, que conquistou 16 pontos, perfazendo 43,2% do total de pontos conquistados através deste fundamento. Os jogadores 7 e 12 seguem a lista dos que mais conquistaram pontos, totalizando 5 pontos de bloqueio (13,5%) cada um.

10. Análise e Conclusão.

10.1. Comentários sobre as tabelas.

FASE I

Pontos Sofridos

	Ataque ⁸ errado	Contra-ataque (adversário)	Recepção errada	Defesa	Levantamento errado	Outros ⁹	Total
Quantidade em pontos	59	23	20	8	11	19	140
%	42,1	16,4	14,3	5,7	7,9	13,6	100

Tabela 1

Pontos Conquistados

	Erro adversário ¹⁰	Contra-ataque	Bloqueio	Saque	Total
Quantidade em pontos	65	40	29	25	159
%	40,9	25,2	18,2	15,7	100

Tabela 2

FASE II

Pontos Sofridos

	Ataque ⁸ Errado	Contra-Ataque (Adversário)	Recepção Errada	Defesa	Levantamento Errado	Outros ⁹	Total
Quantidade em pontos	84	74	26	4	13	21	222
%	37,8	33,3	11,7	1,8	5,9	9,5	100

Tabela 3

Pontos Conquistados

	Erro Adversário ¹⁰	Contra-Ataque	Bloqueio	Saque	Total
Quantidade em pontos	83	60	37	29	209
%	39,7	28,7	17,7	13,9	100

Tabela 4

⁸ Ataque para fora, na rede ou bloqueado.

⁹ Erro de posicionamento, dois toques, condução, rede e invasão.

¹⁰ Ataque fora ou na rede, erro de posicionamento, dois toques, condução, rede, invasão e cartão vermelho

A formação para a recepção, na segunda fase, parece ter sido mais eficaz do que na primeira, não só pela diminuição no percentual de recepção errada (de 14,3% para 11,7%), mas também pela diminuição dos levantamentos e ataques errados.

Os levantamentos errados diminuíram (7,9% para 5,9%), possivelmente, pela melhora na recepção, pois existem alguns passes que são imperfeitos, mas não resultam pontos em favor do adversário, porém dificulta o trabalho dos levantadores, aumentando a probabilidade de erro nas levantadas. Acredita-se que com a diminuição dos erros diretos de recepção, tenha existido uma melhora global na forma de receber o saque, diminuindo também os passes imperfeitos.

Outro fator que pode evidenciar a melhora na recepção da equipe da Unicamp é a quantidade de ataques errados, que caiu de 42,1 para 37,8%. Com a melhora da recepção e do levantamento, por conseguinte, deve haver uma melhora no ataque, pois as bolas chegam em melhores condições para se efetuar o ataque.

Os pontos sofridos em virtude de falhas na defesa, diminuiu de 5,7% para 1,8%. Outra possibilidade de evidenciar a melhora na defesa é que a porcentagem de pontos conquistados através do contra-ataque aumentou 3,5 pontos percentuais, isto é, saiu de 25,2 para 28,7%.

A melhora do contra-ataque pode ser, realmente, pelo fato da defesa estar funcionando melhor, pois só contra-ataca a equipe que consegue defender.

Com a diminuição dos pontos conquistados através do saque (15,7 para 13,9%), houve também uma pequena diminuição dos pontos conquistados através dos erros adversários (40,9 para 39,7%). O saque que afeta mais a recepção adversária, diminuindo sua precisão, pode induzir ao erro de levantada

e ataque. Com o saque, na segunda fase, apontando na direção de ter sido mais fácil para a recepção adversária, o bloqueio sofre a ação desse saque diminuindo de 18,2 para 17,7% sua eficiência, pois é mais difícil bloquear bolas precisamente levantadas, do que bloquear as bolas que tenham sofrido dificuldades nas manobras de levantamento.

Com o melhor posicionamento, em quadra, do jogador 3 para efetuar o bloqueio, houve um aumento da sua marca pessoal de 34,4 para 43,2% do total de pontos conquistados através do bloqueio.

A maior quantidade de pontos conquistados, através do bloqueio, foi conseguida nos mesmos rodízios em que foi conquistado as maiores quantidades de pontos através do saque, isto é, quanto melhor o saque mais fácil de se bloquear.

Um bom saque auxilia a ação do bloqueio. O bom bloqueio facilita a movimentação da defesa. Uma boa defesa, por sua vez, propicia maior número de contra-ataques. A recepção de saque que vai na altura e posição adequada para o levantador, contribui para um melhor resultado do ataque, ARAÚJO (1994). Seguindo essas premissas, pode-se dizer que, na segunda fase a equipe da Unicamp atuou de melhor forma, pois o percentual de pontos sofridos, por erro da equipe, diminuiu com relação a primeira fase. Mesmo na segunda fase, parece que a equipe da Unicamp recebeu melhor, defendeu melhor, levantou melhor e atacou melhor que na primeira etapa. A porcentagem total de erros do adversário, diminuiu da primeira para a segunda fase (40,9 para 39,7%), aumentando assim o volume de jogo da equipe da Unicamp, isto é, a equipe da Unicamp teve que defender, levantar e contra-atacar mais na segunda fase do que na primeira.

É difícil afirmar com toda certeza, de acordo com os dados expostos nas tabelas, que a equipe da Unicamp esteve melhor no segundo

semestre, pois essa avaliação é feita sob a maneira de como foram definidos os pontos. No jogo aconteceu e acontece mais, muito mais do que a definição dos pontos. Durante uma partida ocorre alguns “rallys”, tira-se e perde-se a vantagem várias vezes, acontece ataques, defesas, bloqueios e levantadas sucessivamente. Estas outras movimentações e performances táticas e técnicas não foram computadas.

Isso não tira o valor das análises feitas com relação à forma como são definidos os pontos. É importante saber quais os jogadores que definem as partidas, quais aqueles que ousam num momento crítico, que tem coragem para enfrentar as adversidades, e os que não tem esse tipo de comportamento.

10.2. Considerações Finais.

Da proposta inicial, que era estudar a tática no voleibol através de filmagens e mapeamentos da equipe de voleibol masculino da Unicamp, cumpriu-se em parte este compromisso. É verdade que a investigação perdeu, do ponto de vista quantitativo, com a impossibilidade de filmagens dos jogos mapeados e analisados. Com as filmagens seria possível aprofundar mais as análises e investigações feitas, dando subsídios suficientes para a confirmação científica das possibilidades postas até então. Porém, a contribuição do trabalho é grande, pois com os dados coletados foi possível verificar e concluir diversas hipóteses, que até então não passavam de observações. Agora pode-se afirmar, por exemplo, que o melhor bloqueador da equipe é, comprovadamente, o jogador número 3.

Pode-se dizer também, que as táticas utilizadas pela equipe da Unicamp, caminham no sentido de desenvolver a plenitude do potencial

individual de seus jogadores, isto é, algumas táticas onde, as habilidades de seus jogadores sejam usadas e hiperdimensionadas na formação tática da equipe FERREIRA (1987).

É importante deixar claro e infatizar que, a implantação do sistema tático de uma equipe depende de vários fatores como regra, sistema de jogo, sexo, idade, capacidade, aptidão física, biotipo, adversário, nível técnico dos jogadores, condições do jogo, tempo de participação e características psicológicas. E que, o melhor sistema tático para uma equipe é aquele onde esses fatores são respeitados, compreendidos e executados para um determinado grupo de pessoas envolvidas numa equipe.

Este estudo é o primeiro e, no futuro, deverá servir como base para novas pesquisas, deste autor, bem como de subsídio para outras propostas de outros autores.

11. Referências Bibliográficas.

- ARAÚJO, J. B. Voleibol moderno: sistema defensivo. Grupo palestra sport, Rio de Janeiro, 1994.
- BAACKE, HOST. Manual do treinador. MEC - Confederação Brasileira de Voleibol, Rio de Janeiro, 1979.
- BÁFERO, A. P. Efeitos da prática maciça e distribuída na performance de uma habilidade do voleibol. EEF/USP, São Paulo 1990.
- BARROS JÚNIOR, A. B. Volibol. Tecnoprint, Rio de Janeiro, 1979.
- BERTUCCI, B. & BERTUCCI, T. F. Championship Volleyball drills, vol. 2, leisure press, 1985.
- CORDEIRO FILHO, C. *Como jogam as equipes finalistas*. Vôlei técnico, n.0, p. 8-12, 1994.
- CORDEIRO FILHO, C. & NASCIMENTO, L. F. *Métodos de observação e avaliação tornam eficiente o sistema de marcação*. Vôlei técnico, n. 0, p. 21-26, 1994.

- CLAVELL, J. A arte da guerra. 12a. edição, Record, Rio de Janeiro, 1983.
- DURRWACHTER, G. Voleibol treinar jogando. Ao livro técnico, Rio de Janeiro, 1984.
- FEDERAÇÃO FRANCESA DE VOLEIBOL. Entrainement en volley-ball. Paris, 1982.
- FERREIRA, A. E. X. Basquetebol: técnicas e táticas. Editora da USP, São Paulo, 1987.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Nova fronteira, Rio de Janeiro, 1989.
- MUTTI, D. Futsal futebol de salão. 2a. edição, hemus, São Paulo, 1994.
- SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática. Escola de educação física/UFMG, Belo Horizonte, 1992.
- SINGER, R. N. Psicologia dos esportes: mitos e verdades. Herbra, São Paulo, 1977.
- SUVOROV, Y. P. & GRISHIN, O. N. Voleibol iniciação. vol. 1, Sprint, Rio de Janeiro, 1990.

SUVOROV, Y. P. & GRISHIN, O. N. Voleibol iniciação.
vol.2, Sprint, Rio de Janeiro, 1990.